

Cecília Meireles:

a Casa de Gonzaga e o Lenço de Marília

Ilca Vieira de Oliveira

Universidade Estadual de Montes Claros, Minas Gerais, Brasil

Resumo: O presente texto tem como objetivo apresentar um estudo dos poemas “Casa de Gonzaga”, de *Poemas de viagens* (1940-1964), “Romance de uma Dona muito velha”, de *Dispersos* (1918-1964), “Este é o lenço”, de *Mar absoluto* (1945), “Cenário”, “Romance LXX ou do lenço do exílio”, “Romance LIX ou do enxoval interrompido” e “Retrato de Marília em Antônio Dias”, de *Romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meireles, observando como o espaço da casa é representado juntamente com os seus habitantes, Gonzaga e Marília. A personagem Marília, cantada nos versos do poeta Gonzaga, surge nos poemas de Cecília Meireles como uma mulher que borda o lenço do exílio e espera o amado, entoa o canto de tristeza, saudade, abandono e medo. Já a personagem Gonzaga é representada como um sujeito que borda o enxoval e o vestido da noiva, mas que parte para o exílio com a prisão e o degredo em Moçambique.

Palavras-chave: Gonzaga; Marília; espaço da casa; poesia.

Abstract: This present text aims to present a study on the poems “Casa de Gonzaga” (Gonzaga’s house), from *Poemas de viagens* (1940-1964), “Romance de uma Dona muito velha”, (Novel of a very old lady) by *Dispersos* (1918-1964), “Este é o lenço” (This is the handkerchief), from *Mar absoluto* (1945), “Cenário” (Scenery), “Romance LXX ou do lenço do exílio” “LXX Novel or of the exile handkerchief”, “Romance LIX ou do enxoval interrompido” “LIX Novel or of the interrupted trousseau” and “Retrato de Marília em Antônio Dias” “Portrait of Marília in Antônio Dias”, from *Romanceiro da Inconfidência*, by Cecília Meireles, observing the way the house space is represented together with its inhabitants, Gonzaga and Marília. The character Marília, sung in the stanzas of the poet Gonzaga, is present in the poems of Cecília Meireles as a woman who embroiders the exile handkerchief

and waits for the one she loves, sings a sad song, which shows how much she misses him, abandon and fear. Yet, the character Gonzaga is represented as a subject who embroiders the trousseau and the bridal gown, but has to leave to prison and exile in Mozambique.

Keywords: Gonzaga; Marília; house space; poetry.

A CASA DO POETA GONZAGA

*Ilca
Vieira
de Oliveira*

“E esta casa é tão grande e fria,
com toda a sua nobreza.
Ai, que outra coisa seria,
se preso estais, ver-me presa.”
(Cecília Meireles, 1989, p. 230-231)

56

Cecília Meireles, em suas viagens literárias por Minas Gerais, percorre a cidade de Ouro Preto com uma visão crítica e poética, buscando conhecer o seu passado e a história do século XVIII através de uma pesquisa que realizou em acervos e arquivos durante mais de dez anos. Entre os restos do passado, a poeta se depara com uma série de fatos que vão compor a história dramática dos homens da Inconfidência Mineira. É nesse trajeto pela cidade que a poeta cria várias composições poéticas nas quais apresenta reflexões sobre os homens, os espaços geográficos e os interiores das casas e das igrejas.

No livro *Poemas de viagens* (1940-1964) já encontramos composições dedicadas à cidade de Ouro Preto e às personagens que fizeram parte de sua história na época de fundação, exploração e decadência. A cidade de Ouro Preto aparece como uma personagem importante na história de Minas no século XVIII e a poeta olha para essa cidade com uma visão meditativa e reflexiva, direciona o seu olhar para os lugares mais profundos, procurando reconstruir os cenários, as casas, as igrejas, os palácios, os fatos históricos e as personagens da história oficial e não oficial. Nesse olhar contemplativo sobre a cidade de pedra, Cecília encontra a casa de Gonzaga que será descrita no poema “Casa de Gonzaga” como: “Este cais estranho, fusco, promíscuo, incerto,/de móveis águas, tristes e festivas/a este vento soberbo, sórdido e aventureiro.../E água e pedras, ácido aroma, vela inquieta/nas ondas, e testas úmidas, e rudes brados,/tudo isto anda em redor, como oscilante, velha moldura.” (MEIRELES, 2001, p.1364) O sujeito lírico percorre o interior da casa como quem medita sobre o passado e o presente.

A casa de Gonzaga se torna um “objeto” de atração e reflexão da poeta,

que encontra no espaço interior “imagens dispersas e um corpo de imagens” (BACHELARD, 2005, p.23) e vai levá-la a fazer vários “julgamentos e devaneios”. Tem-se um mergulho interior e o ser medita sobre a existência humana, a efemeridade e a transitoriedade das coisas, que são simbolizadas através de elementos metafóricos tais como as águas dos rios, das lágrimas, das ondas e no “cais estranho, fusco, promíscuo, incerto”. O sujeito lírico se identifica com o espaço que percorre e vai descrevê-lo com objetividade e subjetividade, procura criar um corpo de imagens ao nomear os fatos históricos, os objetos e os seres humanos que habitaram a casa. Diante de tudo que encontra nesse lugar, a poeta também faz uma reflexão sobre o passado, a morte, as riquezas e a história dos inconfidentes. É nessa casa que homens letrados se reuniam para tramarem a revolução, idealizar a liberdade e escrever versos de amor.

A subjetividade, o sonho e o devaneio tomam conta de toda a descrição e a casa é um “canto do mundo” em que prevalece o sonho de liberdade de ser, existir e imaginar, é um espaço sagrado para o seu habitante. O poema inicia-se com um verso que traz elementos concretos “Este peso das casas, das pontes, dos arcos”, mas o seu sentido se completa com um verso que já explicita um estado de movimento “das cargas dos barcos”. A casa do poeta é um lugar flutuante e é pelas águas salgadas das ondas do mar que o corpo do poeta será deportado para o exílio, veja-se como isso é representado na estrofe:

Mas houve um poeta
que foi menino por estes sobrados.
Ah! daquela janela abriu-se o olhar azul para a distância,
puro olhar sem Brasis nem Áfricas, sem glória,
sem amor e sem sepultura.

O corpo do poeta é deportado numa barca rumo à morte e ao esquecimento. O tom do poema é de tristeza e a poeta Cecília medita sobre o passado, a morte, a solidão, a perda e o sofrimento. O que restou da casa do poeta? O que ficou foi: “- um resto de memória”, um “Quadro sem retrato/espelho sem rosto/tudo isto hoje é moldura transitória” e um “vago sonho inexato/com leves crepes de desgosto”. Da casa do poeta ficaram os seus bordados de “sonhos e quimeras”, que são os seus versos de amores, expostos em *Marília de Dirceu*.

O passado histórico das Minas Gerais do século XVIII, o *corpus* poético de *Marília de Dirceu* e a biografia do poeta Gonzaga são recuperados na escrita poética do *Romanceiro da Inconfidência*. Segundo Ruth Villela Cavalieri, as personagens “Marília e Dirceu aparecem na poesia de Cecília

Cecília
Mireles:
a Casa de
Gonzaga e
o Lenço de
Marília

57

Meireles, muitas vezes ligados simultaneamente à poesia (enquanto protagonista de um *canto* desdobrável em fonte mítica da literatura nacional) e à bordadura” (CAVALIERI, 1984. p. 56). Na narrativa, a imagem do poeta inconfidente aparece ora como personagem histórica, ora como ficcional, juntamente com histórias narradas que estão na história oficial e na memória coletiva do povo.

O canto desdobrável vai se configurar na escrita cecilianiana com a presença de Gonzaga bordando o vestido e o enxoval, e a de Marília, o lenço do exílio. Temos a reconstrução da imagem do personagem bordando o vestido que se encontra na Lira XXXIV, de *Marília de Dirceu*. Se, no texto de Gonzaga, a letra borda o sonho da liberdade e do amor, no poema do “Enxoval Interrompido” e no terceiro “Cenário”, a prisão de Gonzaga interrompe a bordadura:

Aqui esteve o noivo,
de agulha e dedal,
bordando o vestido
do seu enxoval.
(...)
De prata era a agulha,
e de ouro, o dedal.
Em sonho traçava,
com doce-espinal
de brilhantes flores,
novo madrigal.
(...)
Estrela da aurora,
fonte matinal,
já viste e ouviste
desventura igual?
A agulha partiu-se.
Quebrou-se o dedal.
Romperam-se as flores
— a que vendaval?
(MEIRELES, 1989, p. 185-186)

A dor e sofrimento estão presentes também no “Cenário” que descreve a casa do poeta Gonzaga. O ambiente vai ser criado a partir dos fragmentos do passado e o que existe é “um flácido silêncio” sobre “*esses restos de uma história/de sonho, amor, prisões, seqüestros,/degredos, morte, acabamento...*” (MEIRELES, 1989. p. 213) e já não existe mais o noivo bordando o vestido, pois tudo fora destruído: “*Ninguém vê mão nenhuma erguida,/com fios de ouro sobre o mundo,/para um bordado sem destino,/improvável e incompreen-*

sível/remate de fátuo vestido...” (MEIRELES, 1989, p. 214).

O poema “Do lenço do exílio” aborda o tema do amor e do sofrimento e, dessa forma, se entrelaça aos de Gonzaga. A letra escreve a dor e a saudade:

Hei de bordar-vos um lenço
em lembranças destas Minas;
ramo de saudade, imenso...
lágrimas bem pequeninas.

(Ai se ouvísseis o que penso!)

Hei de bordar tristemente
um lenço, com que recordo...
A dor de vos ter ausente
muda-se na flor que bordo.

(Flor de angustiosa semente)
(MEIRELES, 1989, p. 230).

*Cecília
Meireles:
a Casa de
Gonzaga e
o Lenço de
Marília*

59

A bordadura do lenço retoma o motivo do bordado do vestido no poema do “Enxoval Interrompido” e no terceiro “Cenário”. A prisão de Gonzaga interrompeu seu bordado. Marília borda o lenço da saudade, cristalizando a sua tristeza e solidão. Se, na lira de *Marília de Dirceu*, existe a possibilidade de reencontro dos dois amantes através do sonho, nesse poema, o monólogo endereçado ao amado no exílio apresenta a impossibilidade de reencontro: “Sei que ireis por esses mares./Sonharei vosso degredo,/Sem sair destes lugares./Por fraqueza, pejo, medo/(e imposições familiares.)” (p. 230). Na voz de Marília, a poeta Cecília recria a imagem da água como morte, destruição e renovação. O corpo do poeta Gonzaga vai pelas águas salgadas do mar e a amada fica em Minas triste, sozinha e chorando - as lágrimas salgadas simbolizam toda a perda e a solidão. Se o amado está preso, Marília também se sente presa na casa que é “grande e fria”.

O “Romance LV ou de um preso chamado Gonzaga” coloca em destaque duas vozes narrativas. Nas estrofes ímpares, o sujeito expositor vai compor, através da imaginação, os sentimentos do preso. Aparece a imagem do poeta como um preso “que todas as leis conhece,/e continua indefeso!”. Já nas estrofes pares, é Gonzaga que se pronuncia e expõe a sua imagem de magistrado, digno e austero, que se desfaz com a prisão e o degredo. A imagem do poeta que aparece neste poema não possui contornos definidos e pode ser associada à imagem de um fantasma que aparece e desaparece. Temos uma figura ambígua:

Inocente, culpado?
Enganoso? Sincero?
Por muito que o confesse,
o amor não recupero.
No entanto, ó surda gente,
daqui nem ouro quero...
(MEIRELES, 1989, p.188-189)

Ilca
Vieira
de Oliveira

60

No *Romanceiro da Inconfidência*, várias personagens históricas da Inconfidência recebem destaque e atuam em diferentes romances. O poeta Gonzaga aparece como personagem histórica juntamente com outros personagens da história de Minas do Setecentos. No “Romance XXXVII de maio de 1789”, Gonzaga é um “dos poetas mirando versos/e hipotéticas idéias” (MEIRELES, 1989, p.139), é também o inconfidente, que fora preso pelos soldados no fim de maio e que surge através da fala do sujeito lírico:

FIM DE MAIO

Andam as quatro comarcas
em grande desassossego:
vão soldados, vêm soldados;
tremem os brancos e os negros.
Se já levaram Gonzaga
e Alvarenga, mais Toledo!
Se a Cláudio mandam recados
para que se esconda a tempo!

Sentam-se na cama, os doentes.
Choram de susto, os meninos.
Mil portadores galopam.
Há mil corações aflitos.
Por aqui brilhava a Arcádia,
com flores, verso, idílios...
(Que querem dizer amores,
aos ouvidos dos meirinhos?)
(MEIRELES, 1989, p.142)

Nos poemas: “Romance LXVI ou de outros maldizentes”, “Romance LXVII ou da África do setecentos”, “Romance LXVIII ou de outro maio fatal”, “Romance LXIX ou do exílio de Moçambique”, várias imagens são construídas pelas vozes narrativas. Aparece o poeta Gonzaga como o Ouidor de Vila Rica, que é preso, condenado e degredado para a África por desafiar o poder do Estado. Tem todos os seus bens seqüestrados e deixa

somente “*Um par de esporas de prata*” (p. 217); é o poeta “*exilado/para sempre errante e calmo,/como um homem já sem nada.*” (p. 229) Os maldizentes acusam Gonzaga de roubos e coisas falsas, ao dizer que o magistrado: “*ia dar leis ao mundo!/Era o que as leis fabricava!*” (p. 220). Percebe-se então, a desconstrução da imagem do poeta como homem das leis ao dizer que:

— Já vai pelo mar fora,
lá vai, com toda a prosápia,
o ouvidor e libertino
desembargador peralta...
(MEIRELES, 1989, p.220)

*Cecília
Meireles:
a Casa de
Gonzaga e
o Lenço de
Marília*

A imagem do poeta apaixonado se dissolve com o desterro, pois, ao ser exilado nas terras africanas, esquece a amada Marília e casa-se com Juliana de Mascarenhas, aquela que Rodrigues Lapa chama de “herdeira da casa mais opulenta de Moçambique em negócio de escravatura” (LAPA, 1982. p.xxx). No “Romance LXXI o de Juliana de Mascarenhas”, as falas anunciam:

“Aquele é o que vem de longe,
que se mandou degredar?
Por três anos as masmorras
o viram, triste, a pensar.
(...)
A donzela que ele amava,
entre lavras de ouro jaz;
na grande arca do impossível
deixou dobrado o enxoval,
uma parte, já bordada
outra parte, por bordar.
Muito longe é Moçambique...
- que saudade a alcançará?”
(MEIRELES, 1989, p.233)

61

Nos bordados de Cecília Meireles, as imagens do poeta apaixonado e do homem letrado, fiel aos ideais da pátria, vão sendo desconstruídas, cai a máscara e têm-se as várias vozes que denunciam as atitudes do poeta infiel, do “desembargador peralta”, do “ouvidor libertino”. As imagens do poeta inconfidente já não possuem os mesmos significados daquelas que foram traçadas pela escrita romântica. Nesse sentido, a escritora questiona o paradigma dos românticos empenhados em idealizar os heróis e mitos nacionais e o próprio poder estatal que criava um panteão para os

grandes homens da nação¹.

No poema “Imaginária Serenata”, através da voz de Marília, a imagem do poeta surge como um fantasma que aparece em todos os lugares através dos sonhos e sono de Marília. Fica escrita, no poema, a imagem do mito do amor que dura para sempre, contrapondo-se à idéia de amor que acabara por causa do casamento de Gonzaga com Juliana de Mascarenhas. As imagens do poeta apaixonado que foram cristalizadas por nossa tradição literária começam a sofrer alterações no poema de Cecília Meireles. Como podemos também comprovar no “Romance LXXII ou de maio no oriente”, no qual o sujeito lírico parece inocentar a atitude do antigo Ouvidor. Mas as vozes murmuradeiras vão reprovar as atitudes por ele tomadas.

O poeta Gonzaga utiliza as letras para escrever os seus versos de amor e a liberdade, mas sofre a força delatora que assina a sua sentença. Após leituras, releituras e análises dos poemas do *Romanceiro da Inconfidência*, podemos perceber que alguns pontos abordados por Cecília Meireles deixam, de certa forma, vir à tona o seu lado intelectual que criticava as injustiças e o autoritarismo do poder estatal. Daí, talvez, a sua paixão e identificação com os ideais da Inconfidência e com o seu lema de “Liberdade, ainda que tarde”. Cumpre, então, o seu papel de poeta e intelectual engajado que enfrentou o poder com a força da letra e não se acovardou diante das situações de repressões por que o país passara.

MARÍLIA, A MOÇA TECELÃ

A personagem Marília, cantada e idealizada pelo poeta Gonzaga nos poemas de *Marília de Dirceu*, de 1792, será recriada em obras de Cecília Meireles no século XX. A musa formosa e imortal pintada nos versos do pastor Dirceu aparece nos poemas de Cecília Meireles como uma figura humana, que borda o lenço do exílio, espera o amado, entoando um canto de tristeza, saudade, abandono e medo. De personagem “celebrada” passa a “esquecida” e de figura “tão formosa” passa a ser “tão feia”.

1 Em 20 de abril de 1936, quando descansava na fazenda de S. Mateus, em Juiz de Fora, o presidente Getúlio Vargas determinou que fosse publicado o Decreto nº 756 – A, do Ministério da Educação, o repatriamento das ossadas dos inconfidentes mineiros que foram sepultados no exílio e não receberam a consagração de repousar em terras brasileiras. Em 1937, as cinzas dos “heróis da pátria” desembarcaram no Rio de Janeiro e foram recebidas em solenidades com horárias militares e discursos. Com a chegada das cinzas dos inconfidentes, mortos no exílio, nasceu a idéia de criação do Museu da Inconfidência. Em 1942, no aniversário de 150 anos da sentença de condenação dos inconfidentes inaugura-se o Panteão, com a presença do Presidente da República, Getúlio Vargas. E em 11 de agosto de 1944, o museu completo será finalmente aberto ao público.

No poema-romance “Este é o lenço”, do livro de poemas *Mar absoluto e outros poemas* (1945), escrito por Cecília Meireles durante os conflitos da segunda Guerra Mundial, surge a imagem de Marília bordando o lenço para o amado. O interessante é que este poema foi publicado oito anos antes de sair o *Romanceiro da Inconfidência*. Segundo a própria poeta, nesse período, o seu poema épico-lírico-dramático estava em processo de elaboração. Na peça poética, entre fios de pontos cruzados feitos por Marília, aparece “Não flores de amor-perfeito,/mas de malogrado!” (MEIRELES, 2001, p. 473). No decorrer do poema, a história das personagens Marília e Dirceu é retratada. É pelo espaço do mar infinito que o corpo do amado é degredado e o lenço é molhado em “águas de algum arroio/singularmente salgado?” (MEIRELES, 2001, p. 473), revelando a separação que existe por causa das guerras e exílios que ocorreram tanto no passado quanto no presente. As lágrimas assinalam a presença das “águas”, simbolizando a “morte”, a melancolia e a dissolução das coisas. A tristeza se explica pelas águas que representam a “viagem fúnebre”, a água leva para bem longe o corpo do poeta na “barca” que desaparecerá no mar. Para Gaston Bachelard, a “morte está na água” e a água é “o elemento *melancolizante*”, e ainda ressalta que a:

água leva para bem longe, a água passa como os dias. Mas outro devaneio se apossa de nós e nos ensina uma perda de nosso ser na dispersão total. Cada elemento tem a sua própria dissolução: a terra tem seu pó, o fogo sua fumaça. A água dissolve mais completamente. Ajuda-nos a morrer totalmente. (BACHELARD, 1997, p. 94)

A escritora continua explorando símbolos transitórios; a presença das águas, das flores e das nuvens, metaforiza a transitoriedade das coisas. O “amor-perfeito” é representado, no fim do poema, como algo eterno e absoluto. Na interrogação final fica a incerteza quanto ao futuro dos homens.

No “Romance LXX ou do lenço do exílio”, o bordado textual é construído a partir do discurso feminino. A letra que borda o lenço do exílio deixa explícita a imagem de uma mulher que possui voz enunciativa e expressa um forte sentimento de tristeza e saudade, como podemos ver nos seguintes versos:

Sei que ireis por esses mares.
Sonharei vosso degredo,
sem sair destes lugares,
por fraqueza, pejo, medo

(e imposição familiares.)

Hei de bordar tristemente
um lenço, com o que recorde...
A dor de vos ter ausente
muda-se na flor que bordo.

(Flor de angustiosa semente.)
(MEIRELES, 1989, p.230-231)

Ilca
Vieira
de Oliveira

64

Temos, então, a voz da mulher que sofre e espera, mas não silencia o seu sentimento, pois revela o motivo do sofrimento amoroso através do bordado poético, mesmo sabendo que o amado não irá ouvir o seu monólogo. Neste poema, Cecília Meireles retoma o mesmo tema desenvolvido no poema “Este é o lenço”, de *Mar absoluto*. O lenço bordado materializa uma mensagem dolorosa, e o sofrimento é representado pelo elemento transitório, a flor. É pelo mar que o corpo do poeta é transportado para o exílio, deixando a incerteza de um retorno.

Nesse poema de Marília, observamos que somente a voz de Marília dirige-se ao amado ausente, que não responde jamais; já no “Romance LXXIII ou da inconformada Marília”, o narrador organiza o diálogo entre vozes distintas, sendo elas: o oráculo dos sonhos que falam do fim do amor, as “piedosas vozes discretas” e a voz do “coração desventurado”, que geme e diz: “Talvez se tenha esquecido...”/“Talvez se tenha casado...” Temos, então, a voz de uma mulher inconformada, que se desespera e rejeita a realidade do seu destino. A personagem revela o seu caráter contestador nos diálogos, afirmando que jamais o amado iria esquecê-la, “Só se tivesse alienado!”

Os poemas o “Retrato de Marília em Antônio Dias” e “Romance de uma Dona muito velha” reiteram a temática do tempo destruidor, e que pode ser também associada ao *carpe diem* horaciano. Através do retrato, pretende-se congelar o passado, já que o tempo tudo destrói. Mesmo assim, a imagem de Marília representada no retrato aparece em processo de destruição, pois a fraqueza, o cansaço e a velhice tomam conta do seu “Corpo que quase em pensamento,/amortalhada em seda escura,” (MEIRELES, 1989, p. 264) e “com lábios de cinza murmura/ memento, memento, memento...” (MEIRELES, 1989, p. 264). Neste poema, temos uma imagem de Marília envelhecida. A beleza é destruída pela velhice, e Marília já não tem o seu nome mencionado no romance. Nas duas estrofes iniciais, tem-se a distinção entre Marília jovem e Marília velha. A imagem idealizada de Marília, que representa o mito do amor-perfeito, será destituída, já que as suas roupas são, metaforicamente, uma mortalha de “seda escura”. A voz

de Marília também está quase desaparecendo no poema. O retrato é uma forma de dar contorno a uma face perdida, mas que não consegue representar para sempre o instante e a totalidade, pois a imagem acaba sendo desgastada com o tempo.

No “Romance de uma Dona muito velha”, a voz narradora descreve, através de vários elementos contraditórios, o espaço em que Marília estava sepultada, a Matriz de Antônio Dias. É nessa igreja que a “Dona tão bem cantada” repousava em paz “Entre os anjos, entre pias/e as colunas de ouro, mora/vossa alma, que tudo ignora...” (MEIRELES, 2001, p. 1690) A poeta também utiliza os contrastes do barroco mineiro, que está presente na casa que repousa o corpo da donzela, para recriar o retrato da Dona que era “tão formosa” e é “tão feia”. Ao longo do texto, desenvolve uma reflexão sobre a matéria e o espírito, a efemeridade das coisas terrenas, a morte e a vida e o tempo destruidor. A personagem é representada como um ser indiferente à riqueza porque nada se leva para além túmulo, veja-se como ela é retratada nos versos: “– tão rica, mas tão sem nada,/tão distante daquela/que já se viu de uma janela/num roupão mal embrulhada/– da que foi mais pura e bela/que a rosa da madrugada...” (MEIRELES, 2001, p.1690). No fim dessa estrofe, podemos ver que a voz poética já explora o tema da morte, Marília é a flor, a rosa da madrugada que morre muito rápido. O tempo destruidor não perdoa as rosas e o que se tem da “Dona de outrora” são lembranças, já que a “jovem flor quase lasciva,/rubra, na manhã festiva,/gloriosa, em roupa singela.../(Ai, que aragem vingativa/assim vos pôs amarela)” (MEIRELES, 2001, p. 1691). A “aragem vingativa” representa o tempo destruidor e a morte que aparecem em forma de água que destrói toda a beleza da rosa, simboliza também a própria tragédia da inconfidência e o destino trágico que tiveram os dois amantes. A flor Marília, que era tão formosa e cantada passa a ser “tão feia”, sem voz e “no silêncio tolhida/no silêncio envelhecida,/talvez por vontade alheia.../Vós que ninguém mais nomeia/senão como em despedida”. (MEIRELES, 2001, p. 1691). No fim do poema, a voz narradora pede à “Dona dos olhos antigos”, que dorme entre “as colunas de ouro”, para que veja como dormem os seus amigos, reafirmando que os bens e as riquezas materiais são adornos terrenos e que pertencem ao mundo terreno, pois além túmulo todos os homens são iguais, ou seja, estão nas mesmas condições, mortos e destruídos, quer tenham riquezas ou não. Nesse despir-se de todos os bens materiais, abandono de uma vida antiga, ocorre a transcendência para o mundo espiritual. A Dona muito velha morre através “de uma aragem vingativa” e “dá origem a um novo ser, regenerado”, pois as águas “conservam invariavelmente sua função: elas desintegram, eliminam as formas,

*Cecília
Mireles:
a Casa de
Gonzaga e
o Lenço de
Marília*

65

‘lavam os pecados’, são ao mesmo tempo purificadoras e regeneradoras”. (ELIADE, 1991, p.152) Marília é retirada de sua casa sagrada, a Matriz de Antônio Dias, e vai para a sua última morada, o Museu da Inconfidência, ficando ao lado de Gonzaga que fora deportado de Moçambique, em 1937, para ocupar o seu lugar no panteão dos inconfidentes construído pelo governo Vargas.

A imagem de Marília, que permaneceu em nosso imaginário como símbolo de beleza e pureza, será destituída de tal invólucro no *Romanceiro*, pois o leitor vai deparar com uma personagem em processo de decomposição, deformada pelo próprio tempo, que não perdoa nem os mais ternos amantes. As duas personagens perdem a aura que foi construída em torno delas, como mito do amor eterno, principalmente quando são representadas como loucas.

Tem-se, assim, uma poeta que questiona as atitudes do governo Vargas de criar um “mito nacional” com base na história de amor entre Gonzaga e Maria Dorotéia (Marília), principalmente quando deposita os dois corpos no “monumento”, idealizando os dois amantes. No entanto, Cecília desconstrói a imagem idealizada quando vai representar o poeta como réu, exilado e louco, que se casara com outra mulher em Moçambique. Marília não deixa de ter um destino muito diferente, sendo representada também como louca, velha, cansada, abatida e triste. Por mais que o Estado faça a união dos dois corpos, isso jamais acontecerá. Resta-nos indagar o que terá ficado da casa do poeta e do lenço de Marília.

Recebido em 31 de outubro de 2009 / Aprovado em 22 de dezembro de 2009

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. Trad. de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Trad. de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CAVALIERI, Ruth Villela. **Cecília Meireles**: o ser e o tempo na imagem refletida. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos**: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. Trad. de Sonia Cristina Tamer. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

GONZAGA, Tomás Antônio. **Marília de Dirceu**. Prefácio e notas de Melânia Silva de Aguiar. Belo Horizonte: Garnier, 1992.

LAPA, Manuel Rodrigues. Prefácio e notas. In: GONZAGA, Tomás Antônio. **Marília de Dirceu e mais poesias**. 3. ed. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1982. P. vii-xxxvi.

MEIRELES, Cecília. **Romanceiro da Inconfidência**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

MEIRELES, Cecília. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

*Cecília
Meireles:
a Casa de
Gonzaga e
o Lenço de
Marília*

67